

Editorial:

É com imensa alegria que apresentamos o número 21 da Revista Equatorial, referente aos meses de julho a dezembro de 2024. Nesta edição, contamos com a colaboração e engajamento de Alex Hermes, João Pedro Sanson e Sérgio Gabriel Baena Chêne¹ para a organização e consolidação do dossiê intitulado “Antropologia, Cinema e Novas Tecnologias”. O dossiê, já a partir da imagem² da capa, busca reunir reflexões que pensem sistematicamente a antropologia e sua relação com o audiovisual, o digital e também com as novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs). Os trabalhos publicados neste dossiê — uma entrevista, seis artigos e um ensaio visual — buscam repensar pressupostos antropológicos, além de oferecerem novas abordagens sobre a alteridade, categoria tão importante para a disciplina. Dessa forma, os organizadores reuniram trabalhos que perpassam desde os usos de Inteligência Artificial (IA) aos estudos de memória digital, seja por meio dos Museus AfroDigitais ou por uma conta no *Instagram* de uma casa de candomblé em Fortaleza, Ceará.

No fluxo contínuo, apresentamos ainda um artigo, um relato etnográfico, três resenhas e um ensaio visual. Os trabalhos abordam diferentes perspectivas de debates contemporâneos: reflexões sobre violência obstétrica; assédio, violência sexual e poder; narrativas em torno de uma partida de futebol; questionamentos sobre a cidade ao

¹ Vale ressaltar que, apesar de nenhum dos organizadores do dossiê terem vínculo atualmente com a Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Alex Hermes e Sérgio Gabriel Baena Chêne foram estudantes de mestrado vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social (PPGAS) da universidade. Atualmente, Alex Hermes é doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), João Pedro Sanson é doutorando no PPGAS da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Sérgio Gabriel Baena Chêne é bolsista de Treinamento Técnico TT-4 pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp) no projeto “Energia Limpa, Vida Sustentável”.

² A capa do dossiê foi gerada por Inteligência Artificial (IA) pelos organizadores do dossiê a partir de uma combinação das palavras: antropologia, cinema, redes sociais, artefatos, cultura e *gadgets*. Esses termos foram usados no *Adobe Firefly* para gerar a imagem que ilustra essa edição da revista.

imaginá-la negra ou das mulheres; o cruzamento entre raça e afetividade para mulheres negras com mais de 50 anos; ou ler o cotidiano da urbe por meio de desenhos no metrô. Mais uma vez, a junção das discussões propostas nos trabalhos publicados em fluxo contínuo mostra a versatilidade da pesquisa antropológica, evidenciando temas diferentes, mas que podem até se aproximar em alguma medida.

O artigo intitulado “Consentimento, parto e violência: pensando enquadramentos” foi escrito por Mariah Torres Aleixo, vinculada ao Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). No trabalho, a autora discute a importância da noção de consentimento no enquadramento de experiências de parto como casos de violência obstétrica. Para isso, Aleixo se baseia nos relatos de duas interlocutoras que elaboraram seus planos de parto — documento em que se detalha as preferências em relação às intervenções que poderão ser feitas durante o parto. Por meio dos relatos de Renata e Onete, Aleixo vai mostrar que nem sempre o que está no documento é respeitado, principalmente quando levamos em consideração as relações assimétricas entre a parturiente e os profissionais de saúde. O trabalho de Aleixo é bom para pensar questões-chave para a antropologia do parto, como violência obstétrica, consentimento e cuidado.

Seguindo os trabalhos publicados no número 21 da Revista Equatorial, temos o relato etnográfico intitulado “Oh mulambo tu não tem estádio: reflexões antropológicas acerca de um grupo de torcedores vascaínos assistindo um clássico do futebol”. No texto, Milena da Costa Matias, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), discorre sobre um grupo de torcedores(as) vascaínos(as) que se reúnem para assistir às transmissões dos jogos do clube em um bar de João Pessoa, capital da Paraíba. O relato perpassa por diferentes questões, como a performance dos torcedores homens e os vestígios de machismo em suas falas e ações. Um ponto que acreditamos ser interessante no trabalho de Matias é o *estar em campo*, que é um recurso tão importante para a antropologia. Por ser uma mulher em um campo em que os homens predominam, Matias enfrenta alguns desconfortos e tem que estudar meios para escapar deles para que a pesquisa seja concluída. Assim como muitas pesquisadoras, a autora enfrenta percalços no caminho da pesquisa por ser uma mulher em campo.

As publicações em fluxo contínuo contam com três resenhas. A primeira delas é “Entre resistência e paridade: uma análise das experiências afetivas na perspectiva de mulheres negras em um bairro periférico de Natal/RN”, de Ana Patrícia Silva Moura, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), e Bruna Tavares Pimentel, da UFPB. O texto analisa a dissertação “A cor das relações: corpo, idade e afetividade na experiência

de mulheres negras em um bairro de Natal/RN”³, escrita por Amanda Raquel da Silva (PPGAS/UFRN). A antropóloga realizou uma pesquisa na Zona Norte de Natal, em um bairro periférico chamado Paraíso, onde atua como agente comunitária de saúde. A etnografia analisa as experiências afetivas das mulheres negras, entre 50 e 75 anos. Silva leva em conta a pluralidade de afetos, tais como o companheiro afetivo sexual, as amigadas, os familiares ou a vizinhança. A pesquisadora considera o âmbito doméstico como um espaço de construção afetiva e de segurança material e subjetiva para as mulheres. Por estar envolvida no processo de mediação entre a comunidade e a Unidade Básica de Saúde (UBS) da região, as mulheres a procuravam para desabafar, questionar, expor preocupações e demandas, o que a levou a refletir sobre a solidão da mulher negra na terceira idade. Saúde, corpo, beleza e sexualidade das mulheres foram os principais temas da pesquisa levantados por Silva e resenhados por Moura e Pimentel, em uma reflexão de como raça e afetividade se cruzam.

A segunda resenha trata do livro “*Acoso: ¿Denuncia legítima o victimización?*” de Marta Lamas, publicado em 2018. No texto, Bruna Fani Duarte Rocha, Carolina Giordano Bergmann, Miriam Pillar Grossi e Pâmela Laurentina Sampaio Reis, vinculadas à Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), analisam a obra com ênfase nas complexidades e controvérsias apresentadas pela antropóloga mexicana Marta Lamas. As autoras vão mostrar como Lamas, por meio de sete capítulos, faz uma revisão das diferentes perspectivas do feminismo. Nesse sentido, a pesquisadora mexicana vai questionar os riscos de se definir o que é assédio e as formas como as sociedades lidam com isso. As autoras mostram como o livro dá ênfase aos perigos do discurso hegemônico sobre o assédio, especialmente quando levamos em consideração o despreparo dos sistemas judiciais, como é o caso do mexicano.

A resenha “Fazendo a rua ladrilhar?: perspectivas interseccionais para a tessitura urbana”, de Lorrana Santos Lima, traz uma leitura do livro “Se a cidade fosse nossa: racismos, falocentrismos e opressões nas cidades”, de Joice Berth. O texto apresenta o debate do livro sobre cidades e o fenômeno urbano da segregação. Berth é arquiteta e urbanista e revela um olhar sobre a cidade a partir de uma perspectiva interseccional que abrange gênero, classe e, sobretudo, raça. E se a cidade fosse negra? E se a cidade fosse das mulheres? A obra de Berth, organizada em quatro capítulos, é guiada por essas

³ Depois da publicação da resenha da dissertação, a antropóloga Amanda Raquel da Silva lançou um livro que é um desdobramento de sua pesquisa de mestrado no PPGAS/UFRN intitulado “A cor das relações - Corpo, idade e afetividade nas experiências de mulheres negras em um bairro de Natal/RN” (2024). E-book disponível: <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/60531>. Acesso em: 27 dez. 2024.

perguntas fundamentais. Lima, a autora da resenha, destaca a abordagem do livro sobre o negacionismo, elemento central na organização do racismo urbano e de suas tecnologias. Entre essas tecnologias, incluem-se a cultura do medo da violência, o estigma relacionado às corporalidades e aos territórios marginalizados, que perpetuam representações da colonialidade e as segregações dela decorrentes.

Por fim, este volume traz a publicação de um ensaio visual. Com um olhar ainda na urbe, mas em uma outra perspectiva, Shaki Rahim traz o cotidiano de Paris, capital francesa, retratado em desenhos do Metrô de Paris como tema. Intitulado “Desenhos no Metro/RER de Paris: arquitetura e velocidade urbana nos cadernos dos desenhadores”, o ensaio visual revela os traços de diferentes desenhadores com linguagens gráficas variadas. Por meio de riscadores de naturezas, intensidades, cores e espessuras distintas, revela-se uma Paris com ritmos e expressões singulares. O trabalho teve início em 2009 em estações variadas de metrô e foi expandido para outras cidades. Atualmente, esse projeto também pode ser acompanhado nas redes sociais⁴.

Os trabalhos publicados no número 21 de 2024, seja no dossiê ou em fluxo contínuo, mostram, sobretudo, a força metodológica e teórica da produção antropológica. Mais do que nos apresentar pesquisas, os trabalhos nos engajam a refletir sobre nossas próprias práticas de pesquisa. Convidamos todos a conhecer os artigos, relatos, ensaios e entrevistas publicados neste número. Desejamos uma boa leitura!

Júlia de Freitas Motta

Membro da Equipe de Edição Geral da Revista Equatorial
Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Hellen Caetano

Membro da Equipe de Edição Geral da Revista Equatorial
Doutoranda em Antropologia Social (PPGAS/UFRN)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

⁴ Ver: <http://delignesenligne.com>. O projeto também pode ser acompanhado no *Facebook* (*De lignes em ligne – croquis de métro*) e no *Instagram* (@delignesenligne). Acesso em: 20 dez. 2024.